

MINHA CASA FICA A
5 MINUTOS DE
CARRO DA CASA DO
MEU AMIGO -A
RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO
NA VIVÊNCIA URBANA.

*My house is five minutes by car from
my friend's house.
The space-time relationship in the
urban experience*

*Mi casa está a cinco minutos de coche
de la casa de mi amigo
La relación espacio-tiempo en la vida
urbana*

DENIS RICHTER

Doutorando em Geografia
(Unesp – Presidente Prudente)

Rua Dr. Gurgel, 226/707
Centro
CEP 19010-020 Presidente
Prudente – SP

E-mail: drichter78@gmail.com

Resumo

As experiências de cada indivíduo são muito singulares. Porém, ao conviver em espaços coletivos, como das cidades, por exemplo, as pessoas acabam por construir uma leitura homogênea e, as vezes limitada, acerca desse espaço. O modo de como interagimos e compreendemos as áreas urbanas contribuem para observar que existem elementos determinantes na formação das práticas sociais. Sendo assim, o presente artigo busca desenvolver uma análise sobre a influência do meio urbano no cotidiano dos indivíduos, a partir da relação espaço-tempo. Para isso, serão utilizados no decorrer do texto fatos, situações, representações (sociais e espaciais) e imagens que possam demonstrar como a vivência nas cidades vem sofrendo interferências dos conceitos de espaço e de tempo. Como forma de complementar esse tema serão abordadas discussões sobre o processo de globalização, uso e ocupação do solo urbano e conceito de lugar (bem como, de “não-lugar”).

Palavras-Chave: cotidiano; espaço urbano; espaço-tempo; lugar; globalização.

Abstract

The experiences of each individual are very singular. However, when living together in collective spaces, as those of the cities, for instance, people end up constructing a homogeneous reading and sometimes, limited, about that space. The way we interacted and understand urban areas contribute to noticing that there are decisive elements in the formation of social practices. Thus, this article tries to develop an analysis on the influence of the urban areas in the routine of the individuals, taking into consideration the space-time relationship. Hence, throughout the text facts, situations, representations (social and spatial) and images which can demonstrate how the existence in the cities are suffering interferences of space and time concepts will be used. As a way to complement theme discussions will be approached on the globalization process, use and occupation of the urban soil and concept of place (as well as, of “no-place”).

Keywords: routine; urban space; space-time; place; globalization.

Resumen

Las experiencias de cada individuo son muy singulares. No obstante, al vivir en espacios colectivos, como las ciudades, por ejemplo, las personas terminan construyendo una lectura homogénea, a veces limitada, acerca de ese espacio. La forma como interactuamos y comprendemos las áreas urbanas contribuye para observar que existen elementos determinantes en la formación de las prácticas sociales. De este modo, este artículo procura desarrollar un análisis sobre la influencia del medio urbano en el cotidiano de los individuos, a partir de la relación espacio-tiempo. Para ello, utilizaremos a lo largo del texto hechos, situaciones, representaciones (sociales y espaciales) e imágenes que puedan demostrar como la vida en las ciudades está sufriendo interferencias de los conceptos de espacio y tiempo. Como forma de complementar este tema serán abordadas discusiones sobre el proceso de globalización, uso y ocupación del suelo urbano y el concepto de lugar (así como de no-lugar).

Palabras-clave: cotidiano, espacio urbano, espacio-tiempo, lugar, globalización

Introdução

O título desse artigo refere-se a uma experiência vivida no verão de 2006/2007. Sua proposta está em apresentar que no cotidiano os fenômenos geográficos podem ser percebidos e, também, indagados através das representações sociais dos indivíduos que se encontram inseridos numa sociedade onde a dinâmica do espaço e do tempo foi, nos últimos anos, transformada radicalmente.

Porém, antes de adentrarmos aos debates e discussões que se propõem esse texto, que serão apresentadas a seguir, é necessário contextualizar como esta frase, presente no título desse artigo, foi dita. Sendo assim, vou descrever a situação em que ela ocorreu.

Eu estava numa praia do litoral sul paulista, jogando sinuca com uma amiga, quando dois meninos, de aproximadamente 11 anos, foram assistir nossa partida. Inicialmente pensei que eles eram irmãos. Não demorou muito para que eles iniciassem uma conversa conosco e quando perguntei se eram irmãos e onde moravam, logo me explicaram que eram somente amigos e que moravam perto, ou seja, suas casas ficavam distantes 5 (cinco) minutos de carro, na cidade de São Paulo/SP.

A partir da fala desses meninos surgiu um questionamento: que relação pode existir nesta frase, dita por dois jovens moradores da metrópole paulistana, com o debate sobre espaço (geográfico), tempo e urbanização? Inicialmente, posso dizer que deixou claro que a relação ou a leitura espacial desses meninos é diferente, ou pelo menos sofre influência da chamada pós-modernidade, que se vive nos grandes centros urbanos, ou em toda e qualquer espacialidade deste mundo globalizado, que ocorre de maneira desigual e combinado (SANTOS, 1996). E que a compreensão sobre a sociedade em que estão inseridos é definida, direta e indiretamente, a partir dos conceitos de espaço e tempo.

É por esta pequena frase que pretendo iniciar este artigo, que se propõe realizar o debate sobre alguns pontos do processo de urbanização (principalmente em seu estágio atual), em compreender que relação existe entre os conceitos de espaço e tempo na vivência urbana, e, até mesmo, indagar sobre o conceito de pós-modernidade.

...fica a 5 minutos de carro. Algumas análises para entender o contexto dessa frase.

Quais são as dimensões ou percepções de espaço e de tempo na vida urbana atual? Como as cidades vêm sendo influenciadas por estes dois conceitos? Que estão inseridos tanto nas práticas cotidianas, nas experiências, nas vivências, como também no debate científico. Como é possível compreender espaço e tempo nos dias de hoje?

Para entender como o espaço e o tempo têm nos influenciado e modificado nossas vidas, é importante ter um olhar mais apurado e crítico sobre o cotidiano. A partir da nossa vivência nos diversos ambientes, procuraremos refletir neste artigo, as questões que envolvem o espaço urbano, bem como o tempo, destacando o seu papel para o entendimento e a funcionalidade das cidades. Porém, antes é necessário enfatizar as razões de chamar a atenção para esses dois conceitos. Sendo assim, inicialmente falaremos do *tempo*.

O tempo é parte integrante de toda uma ação que gera uma reação. A física conhece muito bem essa frase e entende que o tempo é um elemento essencial para provocar um resultado. Podemos comparar o tempo com o processo histórico, que é decorrente entre o pensar e agir. O peso da História para a análise do cotidiano é grande. Dificilmente podemos realizar uma leitura da paisagem, do visível, do aparente, sem resgatar os processos anteriores que foram responsáveis pela sua materialização. Os estudos históricos estão carregados de informações e conhecimentos que possibilitam uma interpretação mais fiel da realidade. Negar a História é deixar de valorizar a gênese dos fenômenos ocorridos, seja pela sociedade ou pela natureza.

Nessa concepção, o tempo conquista importância na análise dos espaços urbanos. Hoje, as cidades são resultados de diferentes processos históricos que as moldaram e que deixaram marcas em suas ruas, avenidas, praças, edifícios, bairros, traçados urbanos etc. e em seus próprios habitantes, através das práticas sociais, culturais e econômicas.

A interpretação do tempo nas cidades também exerce uma leitura singular. Hoje é muito comum medir as distâncias entre dois pontos da cidade, por exemplo, utilizando a idéia do tempo, para que possa ser calculado quanto demora o percurso de um trajeto, como na frase dos meninos.

Ao longo dos anos da História da humanidade, a relação com o tempo foi sendo cada vez mais estreitada, seja sob forma de organização das sociedades ou sob forma de controle. Sendo assim, os ideais capitalistas identificaram que seria possível intervir nesse processo para conquistar novas formas de acumulação. Como resultado, pode-se reconhecer que a frase "tempo é dinheiro" é bem conhecida por todos nós que vivemos em lugares influenciados pelas dinâmicas do capital.

Como consequência, o tempo tornou-se mundial. Mesmo existindo as diferenças de fusos horários nos distintos lugares do globo, as relações entre as nações e, principalmente, suas economias são ajustadas de acordo com um fuso horário comum, como por exemplo, do funcionamento das bolsas de valores localizadas em diversas cidades do mundo. Vencer o tempo se tornou uma importante meta para as empresas lucrarem cada vez mais. E, até mesmo, as atividades laborais foram influenciadas pela mensuração do tempo. Hoje, ele rege

o quanto devemos trabalhar e o quanto devemos ganhar.

A análise de Carlos (2007, p. 13) confirma essa relação com o tempo e ainda aprofunda o debate sobre a sua “possível” eliminação.

[...] o tempo se transforma, comprimindo-se. O tempo do percurso é outro, compactou-se de modo impressionante, mas as distâncias continuam, necessariamente, a serem percorridas — por mercadorias, fluxos de capitais, informações, etc. — não importa se em uma hora ou em frações de minutos; se nas estradas de circulação terrestres convencionais — auto-estradas que cortam visivelmente o espaço marcado profundamente a paisagem —, ou se nas *superhighways*, os cabos de fibra ótica, satélites, etc... O que presenciamos, hoje, é a tendência à eliminação do tempo. Na realidade, não se trata de sua abolição total — o que seria ingênuo afirmar — mas de sua substancial diminuição, como consequência do espantoso desenvolvimento da ciência e da tecnologia aplicados ao processo produtivo.

As mudanças que as diferentes sociedades sofreram ao longo da História são grandes e bem perceptíveis. No entanto, nos últimos 100 (cem) anos as transformações foram mais rápidas e mais intensas, fato que se deve ao significativo avanço das técnicas e do uso das tecnologias por um grande número de pessoas.

O resultado desse processo, considerado ainda recente, é a efemeridade que faz parte das experiências cotidianas nos dias de hoje, presente nos objetos, nos fenômenos, nos fatos, entre outros, e que atinge até mesmo as próprias relações sociais.

A influência do tempo sobre o cotidiano das pessoas tem sido intensa, ainda mais quando observamos que as práticas sociais estão sendo, muitas vezes, determinadas por este conceito. Porém, não é possível analisar o tempo sem uma relação com o espaço, pois esses dois conceitos encontram-se intimamente conectados. Já que os fenômenos precisam de um “lugar”, seja ele concreto ou não, para se estabelecer e ocorrem dentro de um intervalo temporal. Dessa forma, é necessário tecer alguns comentários relacionados ao espaço.

No que se refere ao *espaço*, este conceito tem grande importância para os estudos da Geografia. O espaço, talvez, seja a razão do trilhar pelo conhecimento e dos estudos para esta ciência. Entretanto, mais do que o objeto de estudo de uma área do saber, o espaço faz parte da vida de qualquer indivíduo. Ter noção espacial para se localizar e encontrar um determinado caminho pode vir a ser vital para a sobrevivência de um ser humano. A partir do espaço criamos um território, para nos dar a idéia de pertencimento (ou não) e para podermos saber, até onde temos possibilidade de interagirmos e que, indubitavelmente, nos dá a

sensação de segurança ou bem-estar.

Com o decorrer da História, a dinâmica espacial sempre foi complexa. Isso pode ser observado desde os primórdios da formação das sociedades humanas até os dias de hoje, já que o conceito de espaço está diretamente ligado ao próprio ser humano, como resultado de sua intervenção e interpretação sobre uma determinada paisagem.

Por outro lado, ao analisar com mais cuidado o mundo de hoje e suas inúmeras realidades, podemos dizer que a complexidade espacial atingiu níveis nunca antes imaginados. Não queremos dizer com isso que o modo de vida do início do Século XXI é mais complexo do que qualquer outra época, seria simplista demais de nossa parte. Mas, temos que reconhecer que o processo de globalização e as facilidades tecnológicas modificaram a forma de entender o próprio espaço.

Por conseguinte, hoje um único espaço pode ter inúmeras representatividades ou significados. Isto dependerá da ótica ou da perspectiva de quem observa ou faz a análise. E, até mesmo, de como o próprio espaço interfere na compreensão do ser humano. Nesse sentido, a importância de delimitar um espaço (território) continua, até hoje, sendo essencial para nos dar a idéia de pertencimento, seja ele visível, concreto ou não.

Da mesma forma que o capital utilizou-se do tempo, ele também compreendeu no espaço uma possibilidade de acumulação. Os melhores lugares são os mais desejados, mais requisitados. Como, por exemplo, bairros com a melhor infra-estrutura, melhor vista para a cidade, com maior quantidade de área verde, melhores vias de acesso etc. Por conseqüência, a *lei da oferta e da procura* eleva os preços de um determinado lugar. Todavia, também é possível, nos dias de hoje, construir esta idéia de desejo em lugares que antes eram ignorados pelos habitantes das cidades. Isto está relacionado ao uso de símbolos e identidade que um dado lugar possa ter ou vir a ter. Se analisarmos com cuidado, podemos perceber que as cidades estão carregadas desses signos que valorizam ou não as identidades presentes no espaço.

É preciso reconhecer que a organização das cidades nos dias atuais encontra-se muito influenciada pela ação do capital, que determina áreas de valorização, constrói espaços de consumo, amplia ruas e avenidas, e, inclusive, cria bairros inteiros. Enfim, transforma as cidades em territórios do lucro, da apropriação, do privado e, também, da segregação.

Dentro desse contexto, a vida segue seu curso. Não podemos pensar nas cidades sem a intervenção de sua própria população que faz gerar o movimento para que ocorram de fato as transformações. Porém, torna-se necessário compreender como essas alterações nas cidades atingem seus habitantes, já que estes vivenciam os espaços urbanos e são influenciados através de sua estrutura, organização, valorização e identidade.

Para exemplificar essa idéia, recorreremos, novamente, a frase dita pelos meninos da praia, citada no início deste artigo. Ao dizer que a sua casa ficava a 5 (cinco) minutos de carro da casa do seu amigo, significa que algo está influenciando a vida desses jovens habitantes da cidade. Isso está fortemente ligado ao modo de como o espaço e o tempo estão sendo interpretados e utilizados pela sociedade de hoje.

Um exemplo claro de que a frase dos meninos provém de uma realidade muito próxima e que atinge grande parcela da população dos centros urbanos, pode ser observado através das propagandas dos empreendimentos imobiliários veiculadas na imprensa. Para esclarecer esta idéia, apresentamos a seguir dois tipos de representação cartográfica de uma mesma área. O primeiro mapa, Figura 01, é a localização de um edifício residencial que está sendo vendido na cidade de São Paulo/SP, enquanto que a Figura 03 é uma imagem de satélite capturada do programa *Goggle Earth*, onde os principais pontos de referência destacados na Figura 01 foram localizados. E para complementar e ampliar a análise sobre essas representações, identificamos a área de uma favela (Figura 02) que encontra-se muito próxima do empreendimento imobiliário, ela foi localizada na Figura 03. É a favela de Paraisópolis, considerada uma das maiores da cidade de São Paulo.

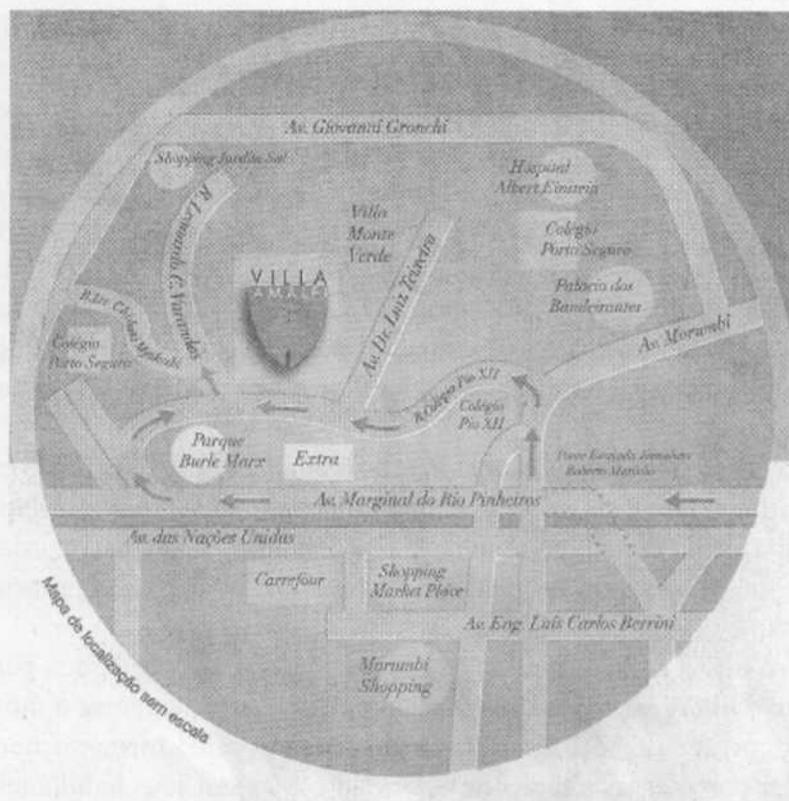


Figura 01: Propaganda de empreendimento em São Paulo/SP. **Fonte:** Jornal O Estado de S.Paulo, 1º/03/08, p. A37.



Figura 02: Favela de Paraisópolis, em São Paulo/SP (2007). Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/3411054>>

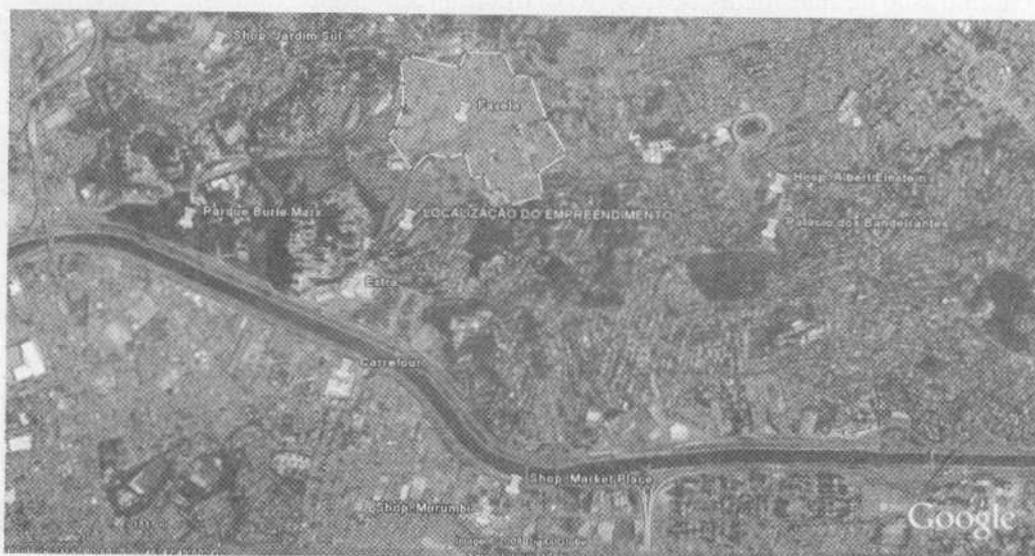


Figura 03: Imagem de satélite da Zona Sul de São Paulo/SP. Fonte: Google Earth.

Nosso objetivo aqui não é fazer uma análise aprofundada desses dois tipos de representação, porém não podemos deixar de mencionar que o mapa da Figura 01 foi produzido dentro de uma lógica de valorizar e salientar determinados pontos de referência presentes no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo/SP. Dessa forma, os lugares destacados estão conectados ao empreendimento imobiliário através do uso do carro, como mecanismo de locomoção. Assim, esses lugares estão relativamente próximos deste edifício. Mas, ao olhar a representação desta mesma área da Figura 03, podemos evidenciar a existência de uma favela muito próxima da localização desse empreendimento, na verdade mais próxima do que qualquer outro ponto destacado no mapa da Figura 01. O fato da área dessa favela não ter sido localizada no mapa da Figura 01 parece ser óbvio, para os objetivos do mercado imobiliário.

Ao recuperar a fala dos meninos, mais uma vez, podemos compreender que

a concepção que os mesmos possuem sobre o uso do espaço e do tempo está construída a partir do uso do automóvel. Da mesma forma que o empreendimento imobiliário demonstra em seu mapa.

Para ampliar esse debate, é válido citar novamente as contribuições de Carlos (2007), quando a autora chama a atenção para essa nova vivência nas cidades, que torna o habitante um indivíduo muito isolado das inúmeras relações sociais que ocorrem nesse espaço urbano e faz com que ele conheça cada vez menos sobre o próprio lugar que vive. Essa realidade torna-se cada vez mais freqüente quando reconhecemos que os recursos tecnológicos de comunicação, como os computadores pessoais, principalmente, permitem com que nós realizemos inúmeras atividades sem sair de dentro de nossas próprias casas. Alguns podem chamar isso de revolução, de desenvolvimento tecnológico humano, de qualidade de vida etc. No entanto, temos que observar com cuidado todo esse processo de transformação que forma indivíduos verdadeiros “estrangeiros” de suas próprias cidades.

Na vivência do cotidiano, uma leitura do espaço e do tempo é necessária.

Neste sentido, tentar compreender como os conceitos de tempo e espaço nos afetam ou mesmo buscar construir um olhar mais crítico sobre a realidade que nos é apresentada, é essencial para uma análise geográfica que pretende ser crítica.

Para Santos (1996), uma nova forma de compreender o espaço é a partir do cotidiano, pois como todo processo e fenômeno estão vinculados ao reconhecimento do tempo e do espaço, isto se expressa diretamente ao cotidiano.

Para compreender a vivência do urbano, é importante desenvolver uma leitura mais apurada sobre os espaços urbanos, para isso podemos analisar uma determinada cidade pelo seu tamanho, sua dimensão espacial e, principalmente, pelas suas funções, pelos papéis que exerce na rede urbana e pelos fluxos que geram fluxos – de pessoas, de informações, mercadorias e serviços. Essas estruturas constroem nos cidadãos diferentes percepções sobre o tempo. Novamente, fazendo referência aos meninos da praia, a leitura que eles fizeram do tempo é uma percepção tendo a metrópole como meio. Pois, na metrópole a globalização está mais presente no cotidiano, na leitura do tempo e do espaço. Nestas cidades, as distâncias que são realizadas, geralmente, através de carro, ônibus ou metrô, geram uma interpretação mais globalizada sobre o espaço-tempo. Por outro lado, as identidades não aparecem com tanta intensidade nas metrópoles. É possível observar com mais força e clareza a expressão da identidade nas cidades médias e pequenas, que são lugares que não sofrem tanto domínio e controle da globalização. Porém, fato que não nega a sua existência.

Logo, se a globalização apresenta diferenças na sua visualização e materialização no cotidiano das cidades, podemos dizer que este processo não é homogêneo e que sua ocorrência dependerá dos espaços de atuação (dos lugares).

Como forma de seguir a lógica deste artigo, que se fundamenta na leitura do cotidiano para entender melhor o tempo e o espaço no urbano, utilizarei fotos que retratam a visão que tenho da cidade a partir da minha casa e de suas proximidades. Acredito que são imagens que poderão contribuir na compreensão de como o espaço e o tempo são utilizados pela sociedade nas cidades.

Inicialmente, a critério de contextualização, a cidade onde moro é Presidente Prudente, que se localiza na região Oeste do Estado de São Paulo e está a 550 km de distância da capital. A cidade foi fundada em 1917 e atualmente possui uma população de aproximadamente 200 mil habitantes. Feito isso, vamos para as análises das imagens.



Figura 04: Centro de Pres. Prudente/SP. Fonte: RICHTER, D. (nov/2006).



Figura 05: Rua Dr. Gurgel (região central de Pres Prudente/SP) Fonte: RICHTER, D. (nov/2006).

A Figura 04 retrata, em primeiro plano, a concentração de pessoas, as atividades comerciais, as edificações entre outros, existentes no centro. Os edifícios são expressões evidentes de que o valor do solo urbano nesta região da cidade é valorizado. Construir espaços artificiais a partir da reprodução vertical, tanto para cima como para baixo, comprova que a exploração que se pode fazer sobre o espaço é grande. No centro, geralmente, não existem mais espaços vazios, sem uso imobiliário. E é, também, um local de grande fluxo de pessoas, mercadorias e trânsito, porém que tem horário para começar e terminar – o chamado horário comercial. Dentro deste tempo, o centro tem uma vida dinâmica, que é regida fortemente pelo funcionamento das agências bancárias, por exemplo, e que acaba por interferir no cotidiano das pessoas, já que é necessário se adequar aos horários dos bancos e do comércio para poder realizar inúmeras atividades.

Em conseqüência, é neste horário que ocorre o maior número de congestionamento de veículos na área central. E isso não é uma característica única de Presidente Prudente, nos dias de hoje diversas cidades de porte médio e, principalmente, grande, têm enfrentado esse problema da concentração de veículos em determinados horários. Em muitos casos, isso é resultado de uma política pública e de um planejamento urbano que não investe em transporte público e que “acredita” que a solução para o deslocamento dos habitantes nas cidades esteja no transporte individual.

Como seqüela, a disputa por espaço de vagas de estacionamento transforma-se numa “guerra” diária. Isto pode ser observado na Figura 05. A organização das cidades precisou desenvolver um sistema que atendesse a dinâmica do tempo e do espaço, sendo assim foi criada a “Zona Azul”. Esse sistema tem o objetivo de gerar a rotatividade de vagas, pois há um custo por hora para que o automóvel possa ficar estacionado nessa área. Dessa forma, é forçada uma racionalização e uma disciplina da ocupação do tempo e do espaço na região central das cidades. Só para provocar o debate, estamos diante de um novo território, pois basta observar com mais cuidado a demarcação das áreas de estacionamento nas ruas centrais (Figura 05), para perceber a delimitação de um território estabelecido para gerir a organização espacial e temporal dos veículos.

A partir dessas interpretações sobre o uso do espaço e do tempo, pode-se afirmar que as mudanças e as transformações da sociedade também influenciaram as alterações do centro, pois o mesmo faz parte do meio social. Nesse sentido, o que vemos hoje expressado e materializado nas ruas, casas, edifícios, comércio etc, busca de alguma forma se distanciar do antigo, do passado, para representar o novo. Mesmo existindo alguns estabelecimentos comerciais que até “vendem” a concepção do antigo, esses lugares são, geralmente, influenciados por uma tendência econômica de recuperar o “passado” como estratégia de aumentar suas vendas. Esse fato é muito comum em inúmeras cidades do Brasil.

No caso específico de Presidente Prudente, ao observar com cuidado a região central da cidade, percebe-se que as novas construções buscam formas arquitetônicas mais contemporâneas e que de alguma maneira acabam por se distanciar da idéia do antigo. Por outro lado, entendemos que essa prática faz parte do processo lógico do desenvolvimento cultural, pois procuram novas referências e que, ao mesmo tempo, representam a própria evolução humana. No entanto, é preocupante quando esse novo encontra-se dentro da proposta de descaracterizar o local, a identidade. Isso é muito comum ao compararmos as áreas comerciais de diversas cidades. Numa primeira leitura sobre esse espaço urbano, parece que todos são exatamente iguais. Assim, a cidade perde sua identidade histórica para se aproximar de referências urbanas mais globais, de um padrão de concepção do urbano que muitas vezes não representa a própria cidade, mas representa a ação do capital. Talvez, se não tivesse a legenda na foto, dificilmente as pessoas que não conhecem Presidente Prudente poderiam dizer que lugar é este. Portanto, cabe o questionamento: como as cidades de hoje transmitem uma identidade onde a pós-modernidade exerce seu domínio? Será que as cidades de hoje representam a pós-modernidade?

As cidades e a pós-modernidade. Lugar de encontro?

Segundo Giddens (1991, p. 11), antes de falarmos da pós-modernidade é necessário entender o que é a modernidade. De forma objetiva, este autor nos colabora com a seguinte análise:

[...] “modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança numa caixa preta.

Se compreendermos a modernidade como o processo de reprodução do modo de vida, ao analisar a América do Sul ou até mesmo o Brasil, a influência da Europa sobre esses espaços torna-se bem explícita, pois muitas nações desta região foram formadas a partir da visão eurocêntrica, já que estas sofreram um processo de colonização provinda de reinados e impérios europeus. Desta forma, é válido realizarmos a leitura das cidades com base nesse fato. Num caso mais particular, as antigas cidades brasileiras, fundadas a partir do século XVI e XVII até o início do século XX, tinham como referência as cidades européias, mais

especificadamente as cidades lusitanas, por questões coloniais.

A arquitetura, o traçado urbano, as características de valorização dos espaços públicos e a organização interna das cidades brasileiras desta época retratavam a modernidade influenciada pelo modo de vida europeu.

Por mais distantes que estivessem de suas sedes, os territórios coloniais começavam a expressar, representar e reproduzir na sua materialidade urbana um mundo semelhante.

A condição do tempo e do espaço é expressa de lugares distantes para fazer com que a população local tome como referência a coroa portuguesa, no caso. Foi isto que ocorreu com o Rio de Janeiro/RJ, Ouro Preto/MG, Salvador/BA etc.

Entretanto, o século XX gerou mudanças importantes nesta reprodução do modo de vida. Por consequência da Primeira e Segunda Guerra Mundial, a nova influência global desloca-se da Europa para os Estados Unidos, que se tornaram a nação de maior poder político, econômico e militar a partir de 1945.

Esta alteração resultou num novo modelo de padrão do modo de vida, o padrão norte-americano – ou o *american life*. As cidades fundadas a partir da segunda metade do Século XX, em regiões do mundo onde os EUA exerciam influência, demonstram uma proximidade muito grande com as características desta nação, seja em sua forma estrutural (traçado urbano) ou nos elementos culturais.

Porém, não somente a fundação ou a origem das cidades marcam as influências recebidas pelo modelo padrão. Mas, o seu processo de transformação ao longo dos anos. Desta forma, é possível analisar cidades como São Paulo e Rio de Janeiro que tiveram seu surgimento no século XVI, mas que hoje tem características de cidades globais, influenciadas por um padrão norte-americano, principalmente.

Ao mesmo tempo, torna-se necessário realizar uma análise cuidadosa sobre a valorização de padrões, pois na atualidade as dimensões de tempo e espaço fazem perder as identidades locais em respaldo de um padrão global, destituído de um único território e que, por fim, acaba por representar o todo e o nada.

Este fato fica claro se pensarmos: qual é o lugar que representa a cidade em que vivemos? Muitas vezes o resultado¹ desta pergunta acaba sendo o *shopping center*, um espaço vazio de identidade, porém muito utilizado nos dias de hoje e que, dessa forma, as pessoas o tomam como referência, muito mais pelo seu uso do que pela sua identidade histórica com o local. Para isso, é válido analisar a

¹ Como professor universitário, já fiz esse tipo de questionamento para uma classe de alunos do curso de Pedagogia. Ao perguntar que lugar representava a cidade em que eles moravam, no caso Presidente Prudente/SP, grande parte dos alunos destacou o *shopping center*. No entanto, é necessário destacar que esse exemplo caracteriza uma determinada leitura da cidade e que, portanto, não representa uma leitura homogênea. Pois, há outros lugares que são caracterizados como espaços representativos de Presidente Prudente, como a Feira da Avenida Manoel Goulart (que ocorre nos finais de semana) ou a Praça 9 de Julho, e que estão carregados de múltiplos signos provenientes de estruturas sócio-econômico-culturais, da mesma forma que o *shopping center*.

relação sobre o tempo e o espaço contido no *shopping center*.

Mesmo existindo um horário de funcionamento, os *shoppings*, muitas vezes, ignoram as condições do tempo natural utilizando luz artificial, para que seus usuários percamos a dimensão de quanto tempo estão dentro deste local. O tempo poderá ser medido pelo uso do estacionamento, mas dificilmente você poderá ver a luz do sol, o cair da noite ou até mesmo um relógio (que informe as horas para as pessoas que se encontram nesse espaço) no interior de um *shopping center*. Esse distanciamento com a perda da dimensão de tempo demonstra claramente a negação que se quer fazer.

Já na análise da questão do espaço utilizamos as idéias que Harvey (1992) fez a partir das proposições de Lefebvre (1974) sobre os cinco dilemas do espaço:

- pulverização e fragmentação do espaço;
- produção do espaço como fenômeno econômico e político;
- a política do espaço está relacionada com as relações sociais;
- homogeneização do espaço dificulta a compreensão do lugar; e
- o espaço só pode ser conquistado por meio da produção do espaço.

Em suma, a expansão dos *shopping centers* como espaços de consumo também é analisado por Bauman (2001, p. 120), quando define e apresenta os “não-lugares”.

Um “não-lugar” é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história: exemplos incluem aeroportos, auto-estradas, anônimos quartos de hotel, transporte público... Jamais na história do mundo os não-lugares ocuparam tanto espaço.

Estes “não-lugares” possuem o objetivo de dar ao indivíduo uma sensação de conforto, tanto para o consumo como na sua permanência nesse local. São ambientes construídos para agradar as pessoas que ocupam esses espaços e que estão desprovidos de uma identidade, já que suas referências estão fundamentadas numa cultura mundial, que busca ser homogênea.

Porém, é importante não confundir a idéia do “não-lugar” com a negação do lugar. Para isso, Carlos (2007, p.61-62) contribui:

Faz-se necessário elucidar, ao leitor, que a idéia de “não-lugar”[...] não se coloca como a antítese do “lugar”; por outro lado não tem, evidentemente, um sentido de negatividade, nem tampouco a ausência apesar do prefixo “não”. Na realidade vamos construir esse conceito no plano das contradições do espaço, como consequência direta da relação contraditória entre valor e uso. Convém aqui esclarecer que partimos da tese de que o espaço geográfico é social, produto do processo de trabalho geral da sociedade em cada momento histórico. Assim as parcelas do

espaço-produto (social e histórico) apresentam-se enquanto trabalho materializado acumulado a partir de uma série de gerações, e nesse caso específico o espaço como um todo tem valor e se reproduz a partir de uma multiplicidade de usos (não podemos esquecer que todos os lugares produzidos têm um uso sempre diferenciado), como decorrência do fato de que o processo de produzir/reproduzir é também um ato de apropriação. Nesse contexto o sentido do espaço produzido é aquele marcado por modos de produção e, conseqüentemente, de apropriação.

Por outro lado, também é possível questionar se o centro das cidades não passa pelo mesmo processo, pois esse lugar é um espaço fortemente ocupado pelo comércio (consumo) e centralizador, tanto de pessoas como de mercadorias e serviços.

Pensar sobre o centro de uma cidade pode ser um exercício interessante. Primeiro pelo fato dessa área ser e estar carregada de elementos simbólicos que compõem a formação de uma cidade. Segundo, por ele resistir, muitas vezes, ao longo do tempo às mudanças que são geradas pela dinâmica da própria sociedade. E, terceiro, pelo centro se espacializar num território bem definido e demarcado durante a sua existência.

Quando trazemos a tona à discussão sobre a relação dos conceitos de tempo e espaço para essa área central, é possível evidenciar características únicas. Apesar de o centro ter este nome por concentrar/centralizar, ele também desconcentra/descentraliza. Isso pode ser observado pelos diversos horários que “regem” o centro e interferem na sua dinâmica, como por exemplo, o horário comercial, o horário dos bancos, entre outros. Como já foi abordado anteriormente.

Para isto damos o nome de temporalidade. Santos (1996) apresenta essa análise sobre o tempo, pois esse conceito necessita ser compreendido com maior nível de detalhamento, já que o mesmo sofre diversas variações, dependendo do espaço e da função do lugar. Também, não podemos esquecer que essa relação com o tempo atinge as pessoas, através de suas práticas cotidianas.

Outra forma de analisar o centro é a partir do seu uso pelo comércio, que evidencia sua forte “vocaçãõ” para o consumo. Com isso, não queremos dizer que só existe consumo ou comércio no centro de uma cidade. Todo o solo urbano é passível de ser “explorado” pelo capital, já que cada parcela de espaço pode ser vendida. Mas, a função de centralidade do próprio centro destaca esse lugar como um dos principais territórios do consumo de mercadorias, bens e serviços.

O consumo que existe no centro e o jogo simbólico nele representado podem ser explicados como características do processo de globalização, que desvaloriza a identidade local para valorizar o global. Desta forma, pode-se questionar se este espaço, no caso chamado centro, ainda representa o próprio lugar. De que forma

podemos interpretá-lo? Santos (1996, p.31) nos colabora dizendo: “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares”.

Dentro dessa concepção, podemos afirmar que, em muitos casos, o centro das cidades perdeu sua identidade ou está carregado de signos universais, devido ao processo de globalização, que nos fazem sentir parte do todo e do nada, ao mesmo tempo. Tendo como resultado a (trans)formação de espaços homogêneos. Essa padronização dos espaços é uma tendência mundial do capital, pois é pensada para que cada vez mais possamos nos sentir “em casa”, mesmo estando fora dela. Assim, há maior possibilidade e facilidade de consumir e saber o que queremos consumir. Já que os espaços são muito parecidos. Esse é um dos motivos que os espaços se reproduzem.

Para Harvey (1992), a análise sobre as cidades pode gerar um debate sobre a questão do tempo e do espaço. Este autor diz há uma diferença concreta entre os padrões de tempo e espaço. O espaço, quando materializado representa a estagnação do tempo, que a princípio é móvel, fluxo e constante. Desta maneira, surge uma das crises da modernidade, que é de não permitir uma visualização inicial ou uma compreensão clara do que vem ou de onde está o espaço e o tempo. Para que isto seja superado, a materialização dos lugares nas cidades representa uma configuração temporal que demonstra sua importância. Assim, o espaço consegue representar o tempo numa forma comprimida. Aí está a dualidade entre espaço-tempo. A dificuldade das análises situa-se no ponto do espaço imóvel competir com o tempo móvel.

Ao resgatar a leitura dos meninos sobre a distância, abordada no início deste artigo, pode-se compreender as razões que os levaram a realizar uma leitura do espaço sob a forma do tempo. Já que a sociedade de hoje é muito influenciada pela valorização do tempo como medida de acumulação de capital, seja em diversas temporalidades, pois quanto menor melhor. Do mesmo modo, esses meninos cresceram e crescem num grande centro urbano, porém desconhecem, muitas vezes, seu próprio entorno, o próximo, para valorizar determinados ambientes, locais, que atendem suas expectativas ou o seu padrão de consumo. Assim, eles reconhecem alguns pontos da cidade e calculam sua distância pelo tempo de percurso do carro, com ou sem “engarrafamento”. Definitivamente, é uma nova leitura do espaço urbano. Talvez, para esses meninos já está cristalizado em suas mentes que tempo é dinheiro e que quem dominar ou conquistar a agilidade do tempo poderá deter maior poder.

Outro ponto a destacar é a escolha do caminho que se pode fazer na

cidade, para isto é interessante a análise de Bauman (2001) sobre o mapa mental, em que explica que um percurso a ser realizado será definido pelos espaços e locais que se aproximam do seu modo de vida ou que configuram uma semelhança com os espaços de vivência. Esta escolha vai anular ou negar a existência de outros caminhos, que para o autor são os chamados de espaços vazios. Ele nos diz: “O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos” (op. cit., p.122).

Portanto, mesmo que as cidades sejam lugares do convívio coletivo elas não representam na sua essência a coletividade. São de fato carregados de territórios bem definidos e diferenciados, que podem estar próximos ou não. Como Bauman (ibidem, p. 114) afirma: “Por mais cheio que possam estar, os lugares de consumo coletivo não têm nada de ‘coletivo’”.

Por esta perspectiva podemos trazer a tona o debate sobre esvaziamento do tempo e do espaço. Inicialmente, esta análise feita por Giddens (1991) retrata que o espaço significa a materialização dos fenômenos em lugares bem definidos. Para ele (p. 26-27):

O “esvaziamento do tempo” é em grande parte a pré-condição para o “esvaziamento do espaço” e tem assim prioridade casual sobre ele. Pois, como devo argumentar adiante, a coordenação através do tempo é a base do controle do espaço. O desenvolvimento de “espaço vazio” pode ser compreendido em termos da separação entre *espaço e lugar*. É importante enfatizar a distinção entre estas duas noções, pois elas são frequentemente usadas mais ou menos como sinônimos. “Lugar” é melhor conceitualizado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente. Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela “presença” – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.

Em outra leitura, Santos (1996) contradiz Giddens (1991) dizendo que nos dias atuais a compreensão do mundo está totalmente atrelada ao reconhecimento do tempo e do espaço, e destes dois com o próprio mundo.

Na verdade, o tempo e o espaço não se tornaram vazios ou fantasmagóricos como pensou A. Giddens, mas, ao contrário, por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contém a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta não considerar o espaço como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade. (SANTOS, 1996, p. 39)

Numa análise particular, Harvey (1992) busca compreender a realização da prática espacial e a relação entre dinheiro, tempo e espaço. Para a prática espacial, a fundamentação encontra-se na acessibilidade e distanciamento, apropriação do espaço, domínio do espaço e produção do espaço. Enquanto que a relação entre dinheiro, tempo e espaço baseia-se no preço do tempo, na monetização da vida social (que é estabelecida pela qualidade do tempo e do espaço) e no uso da técnica como produto do tempo e do espaço.

Ao interpretar o cotidiano, podemos visualizar esta interpretação de Harvey. As cidades estão carregadas de práticas espaciais e que estão relacionadas ao uso do dinheiro, do tempo e do espaço. A própria centralidade que as cidades exercem sobre outros municípios ou mesmo o centro sobre os demais bairros da própria cidade, revela que as condições de acesso e de distância estabelecem o valor do uso ou do espaço a ser adquirido. Estes são valores e quesitos analisados pelo mercado imobiliário. Está evidente que o tempo (agilidade, rapidez, velocidade) tem forte peso nesta análise. É preciso compreender que todos os lugares de uma cidade estarão sujeitos a uma monetização, seja ela alta ou baixa, desde o centro das cidades até os bairros mais periféricos.

Em relação a este fato, podemos destacar a influência do dinamismo existente no processo de urbanização. Locais que antes eram desvalorizados podem mudar rapidamente por consequência da abertura de uma nova via expressa ou da construção de um espaço de referência, como um *shopping center* ou uma universidade. Isto agrega valor ao território, no caso urbano. Portanto, não há valor cristalizado nas cidades. Eles irão depender das necessidades e das ofertas que existem num determinado momento. Logo, as questões de espaço-tempo são os conceitos que podem (re)definir as dinâmicas dos lugares.

Considerações Finais

Não é somente nas cidades que podemos perceber as dimensões do tempo e do espaço. Estes dois conceitos podem ser analisados em diferentes locais, tão complexos e usuais como as cidades. No entanto, como nos dias de hoje os espaços urbanos concentram a maior parte da população brasileira, é fundamental que se desenvolva uma leitura crítica sobre a concepção espaço-tempo no cotidiano das cidades e como essa relação interfere no processo de formação social do indivíduo. Pois, o ambiente interfere significativamente no desenvolvimento do ser humano como sujeito histórico-cultural (VIGOTSKI, 1998).

Por outro lado, observamos que a maioria dos habitantes das cidades não faz esta análise, fato que pode ocasionar uma interpretação muito limitada sobre este lugar. Talvez, a própria alienação sobre o lugar. Muitas vezes, isso é justificado pela falta de tempo, pelos compromissos do trabalho, pela busca de um salário melhor e que tem como resultado a garantia de “certa” qualidade de vida, por exemplo. Sendo assim, a preocupação encontra-se na ocorrência de que esses indivíduos, mesmo vivendo nas cidades, dificilmente realizarão uma leitura para além dos fatos e fenômenos que compõem o espaço urbano.

Como foi abordado no texto, compreender de que maneira o espaço e o tempo influenciam nossas vidas nos dá a possibilidade de escolher ou questionar a materialidade das representações sociais que nos envolvem e que, direta ou indiretamente, nos compõem como indivíduos.

De tal modo, ao escutar a frase dos meninos de São Paulo, que usaram uma forma diferente de se localizar e calcular a distância de sua moradia, se torna evidente que a vivência nas cidades de hoje possui uma nova interpretação. E esta interpretação não significa apenas concluir que estas crianças são mais inteligentes que outras por utilizarem uma determinada expressão na análise temporal-espacial. Ela nos chama a atenção por apresentar que os indivíduos são influenciados, fortemente, pelas transformações que o espaço geográfico sofre. Mudanças estas que, como nos apontam os autores utilizados nesse artigo, distanciam cada vez mais as pessoas do coletivo, que tornam os cidadãos moradores de espaços menores, seletivos e cada vez mais distantes.

Por fim, essa problemática apresentada pode fazer com que ao idealizarmos a nossa própria cidade, imaginemos uma cidade que de fato não existe.

Referência Bibliográfica

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007. Disponível em: <<http://www.flch.usp.br/dg/gesp>>. Acesso em: 22 de nov. 2007.
GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: editora Loyola, 1992.
SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.
VIGOTSKI, Lev Semyonovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido para publicação dia 10 de Março de 2008